

# ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 r. is.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

DR. ANTONIO DIAS FERREIRA. . . . .	Amarante.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . .	Marcos Valente.
NOIVA MORTA . . . . .	Luiz Rosa.
O CHALE . . . . .	Adelina Lopes Vieira.
MARCHA FUNEBRE. . . . .	Emilio de Menezes.
MANHAN NA ROÇA. . . . .	Virgilio Varzea.
MARINA. . . . .	Americo Lobo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
16 DE MAIO . . . . .	Placido Junior.
THEATROS . . . . .	V.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do  
**COMMENDADOR RIBEIRO DE CARVALHO**

## DR. ANTONIO DIAS FERREIRA

O distincto cidadão cujo retrato hoje figura na galeria do *Album*, é bastante conhecido e estimado pelo seu merecimento scientifico e pelas suas virtudes civicas.

Como homem privado goza igualmente do melhor conceito. Recommenda-se muito pela caridade; os seus serviços medicos estão sempre á disposição da gente pobre. E' um homem de quem se dirá, como do justo da Escripura: *Transiit benefaciendo.*

\*

O Dr. Antonio Dias Ferreira nasceu na provincia hoje estado do Rio de Janeiro, em 1850, e é filho legitimo do coronel Miguel Rodrigues Ferreira e de D. Maria Rosa do Espirito-Santo Ferreira.

Formou-se pela Faculdade de Medecina d'esta capital em 1873.

Exerceu, no antigo regimen, diversos cargos de confiança, entre os quaes o de delegado da Instrucção Publica.

Foi vencedor na ultima Camara Municipal do Imperio.

Eleito intendente municipal pela freguezia da Gávea, occupa, com muita competencia e muita dignidade, o cargo de presidente do respectivo Conselho e, neste momento, o de prefeito interino, por força d'aquelle cargo, emquanto não é nomeado substituto ao Sr. Dr. Barata Ribeiro.

AMARANTE.

## CHRONICA FLUMINENSE

Póde-se dizer que nesta semana andou o sagrado enrodilhado com o profano.

A demissão pela Santa Sé do venerando Conde de Santo Agostinho de pastor do bispado de Rio de Janeiro emocionou notavelmente esta ex-heroica. (Não empregámos o adverbio *profundamente* para não faltar á verdade: não sei de cousa nenhuma que possa emocionar profundamente a nossa archi-indifferente e ultra-pacifica cidade).

E o caso não era para menos.

O Sr. D. José é um prelado dignissimo a todos os respeitos de occupar o solio episcopal. Virtuoso, intelligente, illustrado, activo, modesto, desveladissimo pelo bem do seu rebanho, os serviços por S. Ex. Reverendissima prestados ao mesmo, deviam ter outra recompensa que não a demissão brusca e injustificada, embora disfarçada em uma falsa renuncia suppostamente apresentada por S. Ex. e aceita pela Santa Sé e attenuada com um arcebispo *honorario*.

A imprensa, por um bello movimento, ergueu-se em sua maioria para protestar contra essa clamorosa injustiça e grave erro a que as intrigas levaram a boa fé do Santo Padre.

O Sr. Esberard, nomeado arcebispo do novo arcebispado do Rio de Janeiro, foi co-proprietario do *Brasil*, o órgão de reacção monarchica, e nelle,

consta, fez politica clerical contra as novas instituições. Não é certamente com sympathia e benevolencia expectativa que as ovelhas vêm chegar o seu novo pastor e que se hão de sujeitar ao seu cajado.

Na Camara o Sr. Dr. Matta Machado fundamentou, com geraes applausos, um requerimento de informações ao Governo sobre esses recentes actos da Santa Sé. Approvando a intenção, não chegamos a bem comprehender neste regimen de separação entre a Igreja e o Estado o que tem este a ver com os negocios de Roma e da sua igreja.

Se não ha mais Padroado nem o *placet* do Governo aos decretos papaes, se o Estado não tem mais religião, como e porque pedir ao Governo explicações a tal respeito e, menos ainda, tentar responsabilisal-o pelos erros do Vaticano?

O que ha muito via e reconheço agora, é que esta separação de Igreja do Estado com legação junto do Vaticano, pagamento de congruas, conservação de capellarias militares, etc., é uma separação *para positivista vêr*, apenas. Mais valêra conservar as cousas no primitivo estado. Teria ao menos o merito da franqueza e da lealdade.

\*

Do Rio Grande do Sul vae-se falando cada vez menos. O horror tambem cança. As noticias dos acontecimentos bellicos chegam-nos com a confusão e contradicção de costume, de sorte a deixarem um pobre homem perplexo e incerto, sem saber se a «revolução está estrangulada», como affirmam os castilhistas, ou se as tropas federalistas estão se refazendo e « mostram-se muito animadas. »

A Camara, após haver rejeitado a moção parlamentarista do Sr. Demetrio Ribeiro, rejeitou o projecto do Sr. Serpa, que havia sido accedido para ponto de partida e base de discussão de um meio constitucional de intervenção pacificadora nos negocios do Rio Grande.

Constou que a maioria encarregara o deputado L. B. de descobrir esse meio. Encontrando-me com esse meu velho amigo, perguntei-lhe se já havia achado o tal dito meio. « Pois não, respondeu-me:—mandar mais um batalhão para o Sul. »

E, desgraçadamente, parece que não ha outro, uma vez que a União commetteu o erro e a imprudencia de ter intervindo na luta, a favor de um dos partidos.

\*

Estão voltando a estar em moda os incendios, como no tempo da *Crioula* e do seu commandante circumscriptor.

Desta vez foi o grande edificio da Companhia Editora a victima das chammas.

Os prejuizos são enormes, ao que se diz e, ao que se diz tambem, o incendio não foi tão casual quanto fora para desejar.

A *Editora*, coitada, era digna de melhor sorte. Editava pouco e mal, valha a verdade; mas tinha tão boas intenções!

Talvez que, se não a liquidasse o fogo, puzesse em pratica as referidas intenções boas.

\*

Temos o frio em casa.

E' pena que haja feito a sua entrada triumphal com acompanhamento de chuva, lama e defluxões.

Como isso, porém, constitue a felicidade dos donos de carroagens, dos medicos, dos pharmaceuticos e do Sr. Conde de Herzberg, por mais enlameado e pneumonizante que seja o inverno, ha de ter muitos corações a abençoal-o.

... menos o de

MARCOS VALENTE.

## NOIVA MORTA

A DOMINGOS MAGALHÃES

Morta... Sim, meu amor! Tenho-te calma  
Tenho-te fria, fria no meu peito,  
Postas as mãos, o riso já desfeito,  
Tenho-te muda dentro da minh'alma.

Teu labio a minha sêde não acalma,  
Já não goso a brancura do teu leito:  
Morta, o teu corpo lyrico e perfeito  
Lembrava um sonho quando o vôo espalma.

Mas, na agonia, no desejo ardente  
De ver-te, hão de ir as illusões formosas,  
Bem como plumas pelo ar esparsas;

Hão de chorar-te as aguas da corrente  
Emquanto o prado florescer em rosas,  
Emquanto houver no céu azas de garças!

LUIZ ROSA.

## O CHALE

Eram felizes. Tinham, somadas as edades de ambos, cento e vinte annos, e á força de viverem um ao lado do outro pareciam-se como se fossem irmãos.

João deixara a fabrica para descansar, emfim.

Joanna tomava sosinha conta do *ménage*.

Pouco tinham: dous ou tres livros, moveis polidos e com todos os angulos arredondados e luzidios pelo tempo, e um chale, um rico chale, comprado

com sacrificio e ventura por João para o dia do noivado; chale que ainda parecia tornar Joanna formosa e que no inverno impiedoso, estendido sobre o leito, dava calor aos sonhos desse par de rolinhas ideal.

João, inactivo, sahia a passeio pelo campo e sentia um ingenuo prazer em contemplar a natureza, em aspirar os perfumes, em ouvir os estremecimentos das azas das avesinhas.

Um dia, julgou sentir rangerem-lhe os ossos e ergueu o corpo com força, como um luctador que estivesse por muito tempo subjugado; subia-lhe ao cerebro uma chamma mesclada de ternuras... de desejos... Durante esse relampago, passou por elle uma rapariga formosa, que o olhou de um modo provocante... João seguio-a.

Algum tempo depois, *as boas linguas*, as amigas officiosas de Joanna, foram dizer-lhe com a consternada voz das circumstancias:

— Joanna, teu marido tem uma paixão, engana-te.

A noticia suffocou de dor a pobre Joanna, mas a sautinha velou de castidade o seu triste pensamento e respondeu... sorrindo:

— Quem quer o encontra por ali, não é verdade? Pois bem, á noite volta para mim e eu tenho muita alegria em tel-o ao meu lado para poder ralhar-lhe.

— Mas elle ama outra.

— Ama-me a mim muito mais; perdoemos-lhe o erro, até que esse erro cesse, e, como certamente não cessará sem perturbações e dores, eu quero que elle me encontre então como hoje, a mesma sempre!

— Joanna, olha ao menos para as despezas, as economias acabam... quem vos acudirá na miseria?

— Eu trabalharei. D'onde tirámos nós esse dinheiro? Dos seus longos suores... Póde pois dispender-o: pertence-lhe. Agora eu, por meu turno, devo ajudal-o com o meu trabalho; tenho graças a Deus braços e olhos. Tudo se arranjará.

— Cuidado, Joanna. Olha que o teu relógio de ouro já está empenhado.

— Melhor, póde lá ficar. Estou velha, de que me vale saber que hora vae soar? E' talvez, quem o sabe? a hora da partida.

E a velha esposa espreitava nos olhos do marido os progressos da dor que o torturava, e pensava:

— Pobre amigo! As raparigas são quasi sempre cruéis para os velhos; querem delles o luxo e a satisfação dos mil nadas em que resumem a sua louca alegria. Como elle pouco já tem, a perversa trata-o mal... E' até capaz de matar-m'o.

Nada mais resta.

Já não ha que empenhar; e João não ousa de modo algum apresentar-se em casa da sua bella deshumana; tem medó que ella vendo-o, com as mãos e as algibeiras vazias, o receba com indiferença ou, maior dor ainda! lhe ria em face.

De repente, o seu olhar torna-se fixo, espantado, procura em volta algum objecto de valor; de subito, pára, brilha, que vio!! O chale, o presente do noivado sobre a cama, que torna ainda brilhante com o seu humilde esplendor, sobre a cama que aquece como um ninho, emquanto a terra se cobre de neve.

— O chale! E' bello! Vale muito dinheiro...

Joanna vê, *comprehe*de aquelle olhar; opprime-a uma angustia atroz; estala-lhe o coração...

João hesita... calcula... talvez... sacode com energia a cabeça branca, e afasta das grandes flores amarellas do chale os olhos humedecidos... fita-os no chão... depois sae, lentamente, com as mãos vazias.

Joanna ficando só, chora sobre o leito respeitado...

— Ah! que medo tive! Meu Deus! se elle o tivesse levado! Tudo acabaria! O meu chale! Elle não o levou não, não o levou... Como sahio tremulo... pallido!... Soffria! Ah! o velho amor venceu o outro... mas como o seu pobre coração sangrou!... Não levou o meu chale!! Cruel! estarei eu contente emquanto elle chora? Tem a cabeça tão fraca! Quem sabe qual foi a idéa que a fez sahir agora... Iria á casa da... outra? Parecia desesperado... tenho medo! E se essa mulher o expulsar? Pobre alma! E se a dor o fizer buscar a morte? João, João para que me poupaste? Aqui tens, toma o chale, vae, vende-o ou empenha-o...

E, delirante, a boa Joanna arranca do leito o chale e sae.

Eil-a na rua.

E' elle! Defronte, alli, n'aquella janella illuminada tem João os olhos e a alma presas.

Aquella janella parece uma ardente mancha cor de rosa na fronte negra da noite.

E' a casa da... outra.

Joanna, vae-te embora, elle sobe, vae-te Joanna... que vergonha!... Joanna, vaes gelar ahi... a neve envolve-te!... Que frio intenso!...

Todos os ossos estão transidos... todos os corações afogados...

Os transeuntes semelham sombras que fogem escondendo as cavidades dos olhos cheias de chuva. Que esperas Joanna?

Ella adivinhou. Expulsaram o infortunado velho! Eil o que desce cambaleante, livido, como que insensivel.

— Expulsal-o! Com um tempo destes! pois é possivel? Oh! estas mulheres não tem coração!

Ao peso do inverno e da idade,—outro inverno ainda mais sombrio e amargo,—elle, como um cego, vae arrastando a sua agonia, sinistro, subitamente curvo, castigado! Encosta-se ao muro, tomado do frio e do remorso, e exclama:

— Senhor! piedade! a morte! a morte!

Nisto sente cahir-lhe sobre os hombros regelados um longo e morno manto que uma mãosinha aca-

riciadora lhe prende ao pescoço, cuidadosa... levando-o suavemente até a casa.

E' a esposa, que, com um olhar joven e amante, curva sobre elle a cabecinha branca, não como a neve que traz o frio traidor e subtil, mas como a florida macieira de um Abril eterno.

Ella sorri... encontram-se de novo as suas mãos trementes e eil-os, como no tempo dos primeiros ardores, envolvidos nas amorosas pregas do chale que elle não ousou vender.

Olham-se; ella é mais bella, ella é mais amada ainda que no tempo da sua plena juventude; elle, sente-se bem! feliz! perdoado!

E ambos mudos e unidos choram longamente.

\*

Termina aqui a formosíssima historia traduzida do admiravel livro de contos em verso de Paul Delair, intitulado—*Contos d'apresent*— Ha nella um bello exemplo de rara abnegação e amor conjugal.

Quanta vez um olhar cheio de doloroso perdão faz voltar de errado trilho um coração que nos pertence e é toda a nossa ventura! E' amando, amando muito como Joanna, que suavisaremos as agruras da nossa estrada, amenisada muitas vezes por suavissimas compensações.

ADELINA LOPES VIEIRA.

### MARCHA FUNEBRE

IV

Resurgiste afinal n'essa gloria suprema  
Com que has de eternisar minha vida e a tua;  
Pois por ella é que escrevo e trabalho o meu poema,  
—O poema em que noss'alma idyllica fluctua.—

Resurgiste afinal! — Não mais minh'alma trema  
Ante o frio glacial d'essas noites sem lua  
E esses dias sem sol de uma anciedade extrema! —  
—Pois vieste e veio a luz que em ti se perpetua.

Aqui me tens do dia em que venceu-te a doença.  
Desde que te partiste aqui me tens clamando  
Pela volta da luz, pela tua presença...

Aqui me tens tacteando, aqui me tens luctando!...  
E ai!—não viesses tão cedo!—Eu não sei se na quem vença  
A um cortejo de treva, uns funeraes cantando!...

EMILIO DE MENEZES.

(*Poemas da Morte*).

### MANHÃ NA ROÇA

E' pleno inverno. Aqui e além, gallos acordam, cantando, ás primeiras claridades do dia. Vapores diaphanos diluem-se aos raios de ouro do sol, que rompe e purpureia o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da floresta uma orquestração triumphal e alegre. Despertam de subito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas. Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, humidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de cangirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tetas das pacientes e múgidoras vaccas que criam, amarradas aos finos páus das parreiras, e que, expelindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama, n'uma mansidão ingenua de animal digno. Mulheres de chales pela cabeça chamam as gallinhas, com um ruido secco de beijo tremido, fazendo «brurrr...» e sacudindo-lhes mão cheias de milho e pirão esfarellado.

Um carro atopetado de raizes de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas, tortas, com o aspecto e a cor exquisita das plantas que se avolumam e vegetalisam enterradas — chia monotona-mente, em direitura ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho, chilreante e aromatisado por florações vigorosas e germinativas, pelas emanações do gado e pelo cheiro acre das laranjas vermelhas, que cahem de maturidade.

Cantigas rusticas, amorosas, de uma sinceridade ingenua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se á alacridade do campo. E pela comprição magestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das rézes.

VIRGILIO VARZEA.

### MARINA

Ellas brincavam pelo mar em fora,  
Cabellos soltos, ao raiar da aurora,  
Duas irmans tão gemeas e ideaes,  
Duas estrellas que não brilham mais.

Eu as vi sobre as ondas como flores  
Em manso lago sob um céu de amores,  
Da luz sorrindo aos beijos matinaes,  
E ellas, tão cedo! não sorriem mais.

Os seus olhos, uns vivos diamantes,  
Espáriziam á flor de seus semblantes  
Visões mysteriosamente astraes  
E os lindos olhos já não falam mais.



DR. ANTONIO DIAS FERREIRA



Ellas cantavam doce e tristemente  
Um dueto de amor que não se sente  
E que se esvae perdido em frouxos ais...  
Dulia celeste que não sôa mais.

A espuma que aljofrava seus pesinhos  
Na praia, á luz do sol, tinha carinhos  
E um não sei que de aereos madrigaes.  
E a espuma os seios lhes não lambe mais.

Na vaga, como perolas trementes,  
Ondeavam seus corpos innocentes,  
Rescendendo esse olor de laranjaes,  
Que o mar chorando não aspira mais.

A mão do pescador colher não ha-de  
Tanta candura, tanta virgindade  
D'esses dois passarinhos que os pombaes  
Buscaram, d'onde não se volta mais!

AMERICO LOBO.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPUS DE MULHERES)

(Continuação)

### VII

Lucio entrara na sala de visitas precisamente no momento em que Carmen principiava a executar ao piano os primeiros compassos do *romance* italiano.

A posição do instrumento favorecia a estratégia; e, pois, o moço deixara-se ficar de pé, immovel, decidido a não se deixar surpreender nem denunciar, nem mesmo pela respiração.

Agradava-lhe ouvir a execução d'aquelle trecho musical e, ao mesmo tempo, queria ver se Carmen, effectivamente, pronunciava o italiano, como lhe dissera Carrero, com toda a inflexão de um romano e de romano culto.

A's phrases primeiras deu, a executante, interpretação inquestionavelmente correcta.

A' firmeza de pulsação alliava a simplicidade de uma dedilhação elegante, d'esse modo especial de ferir a tecla, com o gesto de um carinho de amante.

Durante este episodio musical, Lucio, sem esquecer o que lhe diziam os dedos da *virtuose*, estudou-lhe pausadamente os movimentos ondulosos do corpo, elegantemente sumido n'um vestido de corte apurado em gosto e feitio. Não lhe via os pés, mas de quando em vez, á voz crescida do piano, dizia, comsigo, que, de certo, pousavam nos pedaes, e ao movimento da cabeça adivinhava-se a

profundeza de interpretação, não casual, porém meditada como verdadeira traducção de um bello pensamento musical.

E desde logo, a *mezza-voce*, principou Carmen a cantar, receiosa, timida! O medico inclinou o corpo, como receiando perder a pronunciação dos versos. Carmen não fallava; respirava, a um tempo, musica e poesia.

En'aquelle modesto tom de voz, na surdina do acompanhamento, previa-se o respeito da filha que não deseja prejudicar o repouso da mãe enferma.

Um vago de idealismo, tão proprio da natureza de uma oriental!

A posição de corpo que tomara Lucio favorecera-o para que nova surpresa, ainda mais, o intrigasse!

A executante ainda não havia dado volta á pagina; por consequencia, devia existir, em linha inferior á do titulo do *romance* a phrase que elle mesmo havia escripto antes: «*Noi ci ameremo ancora!*»

Procurou; não a viu. Devia ser da distancia — pensou. Aproximou-se, como um felino experiente, calcando ao de leve o tapete. A alguns passos, foi manifesta a verdade.

O titulo, que escrevera, tinha desaparecido.

— Comprehendo! — disse comsigo — ou este não é o exemplar da musica, em que escrevi, ou Carmen fez desaparecer esse subtítulo com duas pinceladas de gomma elastica. E' o mais provavel! Mas... ou muito me engano, ou não lhe sou indifferente! A minha experiencia de trato com mulhêres segreda-me até que Carmen parece amar-me com mais intensidade que eu mesmo. E' moça; naturalmente timida, e espera que eu lhe declare os meus sentimentos. Dado isto, succeder-lhe-ha o mesmo que a todas de sua especie, que estão impressionadas por um homem: expandem-se n'um entusiasmo, *deitam* idealismo, respiram-n'o de modo que até será difficil corresponder a elle. Em verdade, fez bem em destruir aquella phrase.

Dolores podia vel-a casualmente. Faria um interrogatorio: quem a escrevera? — quem foi? quem não foi? Decididamente não podia ter sido Carmen a autora. Não era tão ingenua para dar um subtítulo á musica! N'esse caso, havia um autor e um cumplice.

O autor não poderia ser outro se não Lucio ou o *monstro* com quem Carmen dansára, durante quasi todas as horas do sarão. Ora, evidentemente, o *monstro* não se atreveria a tanto, embora — como affirmava Dolores — fosse elle o eleito. Não sabia o italiano! se não sabia mesmo nem o hespanhol, a lingua patria! Sim! Carmen procedera com tino e juizo. Se a mãe tivesse conhecimento d'aquelle phrase, teria mathematicamente a denuncia do seu amor; cahiria, então, em contradicção, á vista do que antes declarára a Dolores — isto é, que não amava Carmen.

Foi toda a conjectura a que se deu. E como homem, satisfeito do seu raciocínio e mais ainda do procedimento bem inspirado da mulher que amava, sorriu, applaudindo-se *in petto* e esperando pelo final do *romance*.

— Se o homem — dizia consigo — tivesse a agudeza de espirito de que dispõe a mulher, de ha muito teriam os povos evitado grandes males. A mulher é o *electrometro* das previsões!

O acompanhamento da idéa musical seguia em *tremulos* e, pouco a pouco, piano e voz diminuíram o andamento. A ultima nota perdeu-se como o ponto final da peça, enquanto a executante ainda se demorava na mesma posição, attenta, como se por ventura esperasse pelo écho da derradeira expressão musical.

Lucio não se conteve. Fascinava-o aquelle abandono da artista; tinha a languidez dos tristes, dos sonhadores e dos idealistas que buscam no espaço o *oasis* longinquo das suas aspirações, e ao qual parece difficil abordar. Um movimento nervoso tomou-o de surpresa; e quando, talvez, a razão lhe poderia aconselhar prudencia, obedeceu ao impulso d'essa desconhecida e irresistivel força.

— Bravo! — foi a sua palavra, pronunciada com expansão admirativa.

Carmen podia assustar-se. Não lhe succedeu isso. Voltou-se, com apparencia de sangue frio, raro de ver n'uma mulher, e agradeceu com um movimento de labios, por entre os quaes se escapára, á meia voz, a palavra de agradecimento: — *gracias!*

E, como tivesse adivinhado a presença do doutor e esperasse pelo applauso, revestiu o semblante de ar indifferente e glacial.

Fechou o exemplar do *romance*; atirou-o com desprezo para sobre a estante proxima e ergueu-se, como quem se queria afastar do salão.

Lucio não pretendia retirar-se, tão seccamente despedido. Deu alguns passos; queria fallar e faltou-lhe a voz. Era de ver o antigo *leão do bairro latino* de Pariz, dominado pela rola singela e innocente do lar.

E' que as naturezas fortes acobardam-se ante a franqueza da mulher, que de si respira a frescura da juventude immaculada.

— Que tem, Carmen? — interrogou o moço procurando a razão d'aquella gelidez.

— A saudade profunda que possui a alma, ao sentir a fascinação da arte. Esta musica segreda-me historias risonhas de utopistas! Deviam assim fallar os amores precoces de Paulo e Virginia; deviam assim balbuciar os labios de Romeu e Julieta, n'aquella noite, em que os amantes de Verona, illudindo a vigilancia materna, ás pressas, na precipitação da linguagem, dictavam no silencio da noite adormecida os poemas mais elevados do sentimentalismo, que hoje vive n'alguma região superior, emigrado que está d'este planeta banal. Oh! não supponha que profiro estas palavras, porque me veja saturada de um romanticismo collegial; não,

— é que á superioridade do bello artistico, submete-se o coração dos que se não educaram na escola do sarcasmo, nem nas sociedades corrompidas, em que se joga a realidade de um amor condemnado com a riqueza da virgindade inconsciente. Os pais jogam o coração das filhas; compete-lhes assentar o luxo domestico ou salvar as transacções de um commercio que lhes põe em perigo a reputação; os rapazes jogam a reputação das donzellas para ganharem as das senhoras!...

De phrase em phrase, a sonoridade da voz de Carmen ia ganhando de volume, a mais e mais, passando pelo tom do enthusiasmo, até quebrar-se de encontro á exaltação! Poder-se-hia intitular a vertigem da linguagem.

Era o desenvolvimento de uma idéa fixa que, de momentos consumidores, debatia-se por expandir e alliviar o coração.

Onde quereria chegar o raciocínio da moça? a que se poderia referir? não eram problematicas as palavras que acabava de ouvir? Referir-se-hiam a alguma intriga d'essas que circulam repetidamente, de casa em casa, de familia em familia? Não seria o resultado de uma *nevrose*, de um capricho de mulher?

Carmen era intelligente, manejava com facilidade a palavra, sabia burilar a phrase, tinha mesmo a espontaneidade da expressão; por consequencia, quem affirmaria que não fôra a vaidade a autora d'aquella dubia loquella?

Foi a idéa, em todo o seu desenvolvimento, que conservou tacito o espectador d'aquella scena.

— Vaidades de mulher! — pensou; — queria desabafar o idealismo e recitou aproximadamente meia duzia de sentenças á maneira de George Sand.

Vendo, porém, que os passos de Carmen dirigiam-se, pausados, para a porta do interior, quiz sustal-os, e por isso perguntou, meio receioso de que a não viesse surprender a criada:

— Explique-se Carmen! Faça-me comprehender o que lhe vai n'alma! Responda-me! que ha? que houve para proferir *sentenças*? — e o moço frisou a palavra com um sorriso — cujo sentido estou longe de adivinhar?

Então, como devia ser bello e solemne o vulto de Phryné ante o Areopago que a julgava boquiaberto, transido de volupia; como alevantado era o porte de Ristori no desempenho do papel commovedor de Maria Antonieta, o busto da protegida enteadada do coronel Alvarez Blanco, cresceu n'uma expansão de formas pronunciadas; a fronte elevou-se rapidamente com o garbo de um cysne que emerge d'entre duas dobras de agua espumante e crystalina, e sem deixar abater a gravidade, atirou ás faces do ouvinte, sem gestos auxiliares, uma nova pergunta, severa, d'essas que levam em todos os termos a renuncia a qualquer resposta:

— Que differença ha entre uma esposa e uma amante?

— A differença da honra ! Respondo-lhe sem alcançar o sentido do seu interrogatorio — sim, porque da maneira porque m'o faz, merece essa qualificação.

— Faça-lhe essa pergunta, Lucio, porque ha leituras verdadeiramente más; desillusionam quem a ellas se entrega; pintam-nos tão sombriamente a familia conjugal, que, por vezes me tenho capacitado da igualdade do valor. Esposa e amante !... E' difficil comprehender a differença entre os dois termos, desde que a nós, moças, nos faltam conhecimentos de pessoas idosas. Em todo o caso deve mediar um abysmo. A esposa afasta-se d'elle, emquanto, por seu turno, a amante do mesmo se aproxima, a passos agigantados... Mas... que abysmo é esse?... eis o problema ! Deve ser qualquer cousa de horroroso !... Seja como fôr... agradeço-lhe o trabalho da explicação. Como disse, a differença entre a esposa e a amante está na honra. Bem !... vou dar-me ao trabalho de interpretar essa palavra. Depois, poderei com mais facilidade deduzir uma verdade que me sirva de benefico phanal. *Caballero*...

Esta ultima expressão foi pronunciada como quem se despedia. Carmen accionou com a fronte, movimentou o corpo com a curva ceremoniosa da cortezia e dirigiu-se com energica decisão para a porta do salão.

Lucio quiz contel-a com o olhar supplicante. Era tarde; ella não déra por esse gesto de physionomia.

Foi então que o moço, não tendo outro auxiliar senão a palavra, declamou um pedido de explicação, pelo qual filtrara uma declaração de amor, habilidosamente entretecida. Era como esses tufados de arvoredó, que aspiram e absorvem a fragancia de uma flor occulta, que accusa por esse modo a sua existencia e da qual debalde se adivinha a soledade.

Carmen ouviu-o ainda, e apercebendo-se de que o enthusiasmo do medico podia leval-o á franqueza de pronunciar a palavra *amor*, revoltando-se-lhe n' alma o sentimento que bem se qualificaria de despeito, interrompeu com energia a dissertação do seu companheiro de infancia :

— Lucio ! Ha uma differença entre as nossas almas ! Principio a comprehender a sua explicação : entre esposa e amante ha um abysmo !

— E o abysmo ?

— E' o senhor, Lucio ! sobre elle deve debruçar-se a amante que o espere !...

Carmen desapareceu, meneiando-se de modo a defender-se, com a graça mulheril que fascina, da pequena falta que acabava de commetter, retirando-se da sala, alli deixando o moço ao qual a sociedade não apontava o menor sombreado de descortezia. Uma incorrecção proposital.

Como as naturezas fortes e ao mesmo tempo impressionistas, Lucio sentiu de frente todo o pezo da decepção. Confrangeu-se-lhe a fibra intima do

amor-proprio. Sorriu ! Nesse sorriso havia a denuncia de um soffrimento profundo e a accusação ao precipitado proceder de Carmen. A posição em que se deixara estar, era verdadeiramente superior ao acto de que fora victima.

Mas... até mesmo o sublime tem o seu limite. Em quanto o pezar dominou-lhe o espirito, o silencio era como que uma interrogação ao que se acabava de dar. De subito, a imaginação volteou e deu de frente com o prosaismo da vida humana e, gemea como é da consciencia, segredou-lhe :

— Lucio ! até agora eras o victorioso ! Não queiras perder essa gloria, retira-te para que não caias nem no vulgar nem no ridiculo.

Evidente como era o caso, só lhe restava, ao doutor, orientar-se e afastar-se d'aquella habitação.

Assim foi ! Aprumou-se com toda a naturalidade elegante de quem ha muito vive affeito ás maneiras correctas de um *habitué* da aristocracia, da verdadeira aristocracia a que pertencem os que, á força de nobreza, de indole elevada, de illustração e de pratica de principios indeclinaveis de honra e de dever, se tornam dignos da aceitação social, sejam quaes forem os meios onde se apresentem.

Se Lucio se voltasse, depois que alcançara o passeio, fronteiro á casa de Dolores, veria Carmen, que o seguia com o olhar e com a anciedade attenciosa, commovida, abatida e desesperada.

A cada passo do medico, presentia que elle se ia, que se afastava, talvez, de uma vez para sempre, decidido a não voltar alli.

— Sim ! — dizia a sós, meditando as palavras — offendi-o ! Lucio é nobre de alma, demasiado bem educado, respeitador das leis da civilidade. Ferido no seu amor-proprio e amor-proprio de homem a quem Montevideo rende homenagens e compartilha applausos, embora me ame com todo o enthusiasmo, ha de saber vencer impulsos do coração para conservar illesa a altivez do seu character. A homens de igual temperamento é necessario respeitar todas as manifestações de orgulho. O meu procedimento foi, talvez, precipitado. Era um amor nobre com que contava ! Enganei-me ! Mas... e aquelle beijo !...

Lucio não devia fazer excepção á generalidade dos homens !

Carmen ainda seguia com o olhar o seu pretillecto de infancia, ao mesmo tempo que se lhe amontoavam as nuvens sombrias da decepção por sobre a fronte, graciosamente pousada e descansada no vidro da janella.

— Podem ver-me ! — pensou.

E logo, retirou-se para o interior do aposento ; correu o cortinado ; e, deixando-se cahir com abandono n'um sofá proximo, deu-se a um trabalho de espirito, aprofundado, como se por ventura tivesse de resolver um problema do qual dependesse a salvação de uma familia, de uma reputação, que é a

legítima égide que protege o grupo constituído em vida matrimonial.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

16 DE MAIO

AO FILHINHO DO NEY

Hoje, pela manhã cedo,  
Quando abandonava os linhos,  
Pela janella, dos ninhos,  
Entrou-me um doce segredo.

Pipilavam beija-flores  
Em confidencias secretas,  
E havia vozes discretas  
Pelos jardins multicores

— «Que será? que nova é esta?  
Que assim vos faz tão contentes  
Por estes bosques virentes  
Como num dia de festa?...»

Salta logo um pirralhete  
De colibri cabeçudo,  
De grande bico pontudo,  
De setinoso topéte,

E num tom de gravidade  
Todo taful, esmerado,  
Diz-me assim: — «Que descuidado,  
Não sabe da novidade?»

« Não vio, com que intenso ardor  
Bosques se abriram e flores  
Pr'a receber os odores,  
De uma balsamica flor?»

« Não sentio? oh! seu poeta,  
Já não vales tres vintens,  
Pois toda a gente, irrequieta,  
Já foi levar parabens ;

Todos já estão na ante-sala,  
O meu cartão já mandei,  
Comprimentos, grande gala :  
Tem mais um filhinho o Ney... »

E foi-se o tal pirralhete  
De colibri cabeçudo,  
Pelo bosque ramalhudo  
Alegre, pintando o sete.

E eu lá fui contente, rico  
Da mais soberba alegria,  
Por esse grandioso dia,  
Dar um abraço no Chico.

PLACIDO JUNIOR.

THEATROS

Agradou francamente no Polytheama a *Volta do mundo em 80 dias*, a esplendida peça de D'Emery e Julio Verne, traduzida por Garrido. A *mise-en-scène* é magnifica e o desempenho muito satisfatorio. Bahia é um Philéas Fogg demasiado moreno, mas sufficientemente impassivel e Machado um Passe-partout impagavel. Todos os demais artistas esforçam-se para agradar e conseguem-n'o.

\*

O *homem-peixe*, que não vimos, já deixou de nadar no palco do Recreio Dramatico, se tal se póde concluir da sua retirada dos cartazes.

Affogou-se... talvez.

A companhia parte para S. Paulo por estes dias, onde vae dar uma longa serie de escolhidos espectaculos. E' a primeira vez, em quasi dez annos que tem de fundada, que esta empreza leva a sua companhia para fora da capital... exceptuando as viagens á Praia Grande.

Felicidades... em penca.

\*

A Judic não tem conseguido encher de admiradores o Lyrico; mas tem conseguido, sem difficuldade, deliciar os não mui numerosos mas escolhidos homens de bom gosto que têm ido admiral-a no *Bri.lant Achille*, na *Lili*, na *Femme á Narcisse*, na *Femme á Papa* e nas cançonetas que ella diz, suspira, murmura, sorri e exhalla com uma graça encantadora e unica.

\*

Terminando a noticia da peça *De má raça*, diziamos em o ultimo numero: «Agora só resta ao publico, que tanto applaudio o *Grão Galeoto*, mostrar que ainda é o mesmo, indo applaudir em massa o drama *De má raça. Tiens, ça rime!*»

Pois, com profundo pezar o reconhecemos, o publico não mostrou que era o mesmo que applaudira o *Grão Galeoto*: deixou crimosamente que a extraordinaria peça de Echegaray fosse retirada de scena após meia dusia de representações, mal concorridas.

Tanto peor para o publico, que perdeu assim uma excellente occasião para desmentir os maldizentes que o pintam como um grande basbaque, sem gosto nem senso artistico.

V

Imprensa H. Lombaerts & C.